

AS MANIFESTAÇÕES PÚBLICAS DE 2013, *BLACK BLOCS* E A POLÍCIA MILITAR DE GOIÁS

COSTA, Leon Denis da¹
JUNQUEIRA, Ivanilda Aparecida Andrade²

Resumo: Este artigo tem o objetivo de expor uma revisão das reflexões e debates acerca das manifestações públicas de protesto no ano de 2013 - ocorridas em alguns centros urbanos, principalmente as capitais São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre e Goiânia - e dos Black Blocs a partir das leituras de estudiosos e pesquisadores de movimentos sociais, análises elaboradas principalmente por cientistas sociais e jornalistas. Após esta revisão, buscou apresentar as representações dos policiais militares da Tropa de Choque da Polícia Militar de Goiás acerca dos *Black Blocs*. Os resultados evidenciam que os policiais pesquisados constroem a imagem dos *Black Blocs* a partir de suas condutas nos protestos e tendo como parâmetro a lei que delimita a missão policial de preservação da ordem pública e o caráter pacífico ou ilegal/violento do direito de reunião e manifestação no Estado democrático de direito.

Palavras-chave: Manifestações públicas. *Black blocs*. Polícia Militar. Tropa de Choque.

Abstract: This article aims to present a review of the reflections and debates about the public demonstrations of protest in the year 2013 - occurring in some urban centers, especially the capital cities of São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre and Goiânia - and the Black Blocs from the readings of scholars and researchers of social movements, analyzes elaborated mainly by sociologists, political scientists and journalists. After this review, he sought to present the representations of the military police of the Shock Troop of the Military Police of Goiás about the Black Blocs. The results show that the policemen surveyed build the image of the Black Blocs from their conducts in the protests and having as a parameter the law that delimits the police mission to preserve public order and the peaceful or illegal / violent character of the right of assembly and demonstration in the Democratic State of Law.

Keywords: Mass demonstration. Black blocs. Military Police. Riot Troop.

¹ Mestre em sociologia pela Universidade Federal de Goiás, Oficial da Polícia Militar de Goiás e Professor do Comando da Academia da Polícia Militar. Email: leondenis1978@gmail.com;

² Professora da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás - UFG. Doutora, mestre e graduada em História pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Email: ivanildaj@yahoo.com.br;

Introdução

As manifestações públicas de protesto são eventos que marcam a vida das pessoas que participam diretamente por meio de ocupação física dos espaços públicos para expressar suas reivindicações, seus sentimentos, suas ideias que normalmente são de insatisfação ou indignação em relação a assuntos próprios da realidade, mas impressionam também a percepção daqueles que assistem de casa através da televisão, do rádio, das redes sociais, dos meios de comunicação em geral.

Em 2013, nas avenidas de grandes centros urbanos de algumas capitais brasileiras, aconteceram inúmeros eventos de protesto, a exemplo de Goiânia, capital do Estado de Goiás, cujas ruas e avenidas da área central foram ocupadas não somente por manifestantes e jornalistas, mas também pelas forças policiais de Goiás que pouco estavam acostumadas com grande aglomeração de pessoas em ruas para fazer protesto. A mídia fez uma ampla cobertura dos protestos, e meios de comunicação televisivos exploraram um grupo de manifestantes que até então não fazia parte da vida e do vocabulário de muitos brasileiros. Esse grupo denominado *Black blocs* eram manifestantes que podiam ser identificados somente por trajar roupas escuras, estar com o rosto coberto por camisetas ou máscaras (não havia uma descrição da idade, sexo ou cor, apesar de terem sido descritos como jovens), pois, o anonimato de massa foi a marca principal, com ações retratadas pela jornais televisivos locais principalmente pela violência, pela disposição para enfrentar os integrantes da Polícia Militar de Goiás (PMGO) e pelos atos de vandalismos, os quais também foram adjetivados de “vândalos”.

A PMGO ainda não tinha feito policiamento de manifestações em que houvesse a participação de *Black blocs* apesar de já ter lidado com protestos considerados violentos. Deste modo, o objetivo deste estudo é apresentar as representações sociais de policiais militares goianos acerca dos *Black blocs*. Este escrito é uma pequena parcela dos resultados que foram discutidos e extraídos da pesquisa “As representações sociais de policiais militares da tropa de choque de Goiás sobre os protestos e manifestantes” (COSTA, 2016) que foi elaborada com a combinação da aplicação de questionário em 150 policiais militares da Tropa de Choque da (PMGO) dos integrantes do Batalhão de Polícia Militar de Choque (BPMChoque) no período de junho a outubro do ano de 2015 e entrevistas individuais com 15 policiais militares selecionados a partir dos seguintes critérios: (1) praças e oficiais com maior tempo de serviço prestado na tropa de choque, no mínimo ter

trabalhado nos protestos do ano de 2013; (2) ter já atuado como docente nos cursos de formação na Academia de Polícia Militar e especialmente no Curso de Operações de Choque (COC), um dos requisitos para fazer parte da Tropa de Choque. Uma exceção a esses critérios foi a escolha de três policiais novatos ou “recrutas” (com menos de dois anos de serviço) na instituição, que trabalham na tropa de choque.

Vale mencionar que a Tropa de Choque de Goiás é um grupo de policiais militares com especialização policial para fazer uso da força legítima em manifestações públicas com o objetivo de dispersão dos manifestantes. Normalmente, esses policiais são facilmente visíveis e identificados pelo uniforme recomendado pela Organização das Nações Unidas (ONU) nas normativas de aplicação da força pelos agentes policiais numa perspectiva de proteção e atuação na garantia dos direitos humanos (ROVER, 2005) e também por ser o contingente de policiais militares mais preparados para o cumprimento de ações de preservação da ordem pública contra manifestações violentas, etc., destacando-se pela ostensividade e no uso de equipamentos e armamento em caso de distúrbios civis.

Na primeira parte do texto, tem-se como um dos objetivos deste artigo elaborar uma revisão da literatura acerca das manifestações públicas de protesto ocorridas no ano de 2013, a partir das leituras de diversos estudiosos e pesquisadores de movimentos sociais, análises desenvolvidas principalmente por sociólogos, cientistas políticos e jornalistas. Na segunda parte, apresenta-se uma breve discussão teórica a respeito dos Black Blocs e, em seguida, as representações dos policiais militares da tropa de choque acerca desse grupo de manifestantes obtidas a partir do conteúdo de entrevistas semiestruturadas extraídas da dissertação de Costa (2016).

As manifestações públicas de protesto de 2013 no Brasil

Cientistas sociais e jornalistas produziram várias análises e interpretações sobre o evento que ficou conhecido por algumas expressões como: “Manifestações de junho de 2013”, “as Jornadas de Junho”, “os protestos no Brasil de 2013”, “mobilizações sociais”, “ondas ou ciclos de protestos”, dentre outras. A forma mais comum é o emprego metonímico do termo “manifestações públicas” (uma das formas de um evento de protesto) para se referir a categoria do fenômeno “protesto”, o que ainda pode levantar outra discussão, pois não são todas as manifestações de ruas que possuem a natureza de

protesto (COSTA, 2016b). Para uma definição difundida no meio policial militar presente nos manuais de atuação de tropa de choque pode se obter a partir do Manual de Campanha: Distúrbios e Calamidades públicas: “Manifestação - demonstração, por pessoas reunidas, de sentimento hostil ou simpático à determinada autoridade ou a alguma condição ou fato de natureza política, econômica ou social” (BRASIL,1973).

Algumas interpretações ou leituras dos acontecimentos se deram no decorrer dos protestos, outras ao final daquele ano de 2013 e, ainda, vem surgindo outros ensaios, pois os cientistas sociais consultados destacaram que o sentido e o significados ainda não podem ser apreendidos em sua totalidade dos eventos. Foram diversas reflexões³ sobre o fenômeno com diferentes perspectivas teóricas, epistemológicas e ideológicas que deram publicidade em livros, periódicos, livros digitais e outros

No presente estudo, pretende-se realizar uma abordagem sobre esses protestos que têm sido marcantes tanto nas representações da população em geral quanto na dos policiais militares, os quais são atores mais facilmente identificados em acontecimentos de natureza tão expressiva - em evento de grande “efervescência social urbana” (CATTANI, 2014). Aqui não se pretende fazer uma revisão das leituras dos textos escritos, mas apresentar algumas reflexões discutidas que possibilitam compreender a complexidade do fenômeno social.

Na maioria dos ensaios postulou-se a singularidade do fenômeno em relação às mobilizações ocorridas em níveis locais, regionais, nacionais ou transnacionais e ressaltaram algumas semelhanças a eventos ocorridos no Brasil em tempos anteriores e em outros países. Um das considerações recorrentes é estabelecer uma conexão entre as três grandes mobilizações de expressão e participação política registrada na história da sociedade brasileira (TATAGIBA, 2014), na busca por uma comparação⁴ ou analogia, com referência aos acontecimentos ocorridos em 1992 com o impeachment do Presidente

³Algumas das reflexões e debate sobre os protestos ocorridos no Brasil em 2013 podem ser encontrados nos seguintes trabalhos: Brasil em movimento: reflexões partir dos protestos de junho; Cidades rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas; #protestos: análises das ciências sociais; Choque de Democracia: razões da revolta; Ruas e redes: dinâmicas de protestos BR; Por trás das máscaras: do passe livre aos black blocs, as manifestações que tomaram as ruas; Mascarados: a verdadeira história dos adeptos da tática Black Bloc; Revista Enfrentamento; o periódico Novos Estudos no Dossiê: Mobilizações, Protestos e Revoluções; Revista Espaço Acadêmico, pesquisadores reconhecidos pelo estudo e pesquisa sobre a temática de movimentos sociais, entre eles, Maria da Gloria Gohn, Ilse Scherer-Warren, Nildo Viana e outros.

⁴ As mobilizações de 1992 identificadas como os “Caras-Pintadas” aglomeraram nas ruas 750 mil pessoas, já as mobilizações do “Diretas Já” de 1984 foram equivalentes as manifestações do evento de protesto do dia 20 de junho de 2013 contou com mais de 1,5 milhão de pessoas, as quais ocuparam temporariamente os espaços públicos de 120 cidades, o qual teve repercussão mundial em comparação às outras maiores mobilizações da história brasileira que foram mencionadas.

Fernando Collor de Melo ou o “Fora Collor”; em 1984, no movimento da redemocratização do país, “Diretas Já”, e no período do regime da ditadura, na década de 1960 com o movimento dos estudantes, “a Passeata dos Cem mil” e as paralisações e greves anteriores ao Golpe Militar. As “manifestações de junho de 2013 no Brasil” foram incluídas em determinadas análises na categoria dos Movimentos dos Indignados, pela forma e modo de agir arquitetado por via de redes sociais e telefonia móvel, advindas de ondas globais e internacionais (GOHN, 2014A). No entanto, outras abordagens, classificaram numa tipologia, em que tal modalidade de ativismo é “uma manifestação ampla de cidadania e ou dos “indignados” (SCHERER-WARREN, 2014a).

Outro ponto que foi revisitado refere-se à trajetória do Movimento Passe Livre (MPL) – considerado um movimento social constituído principalmente por estudantes e integrantes do movimento estudantil que reivindicam passagem livre no transporte público e protestam contra o aumento da tarifa de ônibus - desde os eventos de protestos locais, das revoltas até o seu protagonismo os protestos de 2013. Algumas análises⁵ buscaram enfatizar que a luta do coletivo MPL não era apenas contra o aumento da tarifa do transporte coletivo, mas pela mobilidade urbana, pelo acesso aos demais serviços e estruturas existentes na cidade.

Portanto, os “atos de protesto” ocorreram na seguinte ordem:

- a) No ano de 2003, em Salvador-Bahia conhecido como a “Revolta do Buzu”;
- b) No ano de 2004 aconteceu em Florianópolis/SC, a “Revolta da Catraca”;
- c) No ano de 2004 e 2005 em Porto Alegre com a fundação do MPL em decorrência do Fórum Social Mundial;
- d) No ano de 2011 ocorreu protestos em São Paulo;
- e) No ano de 2012 na cidade de Natal, Rio Grande do Norte;
- f) E no ano de 2013, alguns pesquisadores realizaram uma ordem cronológica dos eventos, apontando que o primeiro protesto ocorreu na cidade de Porto Alegre/RS, em 21/01/2013 com a realização do protesto contra o aumento da tarifa;
- g) O segundo em Curitiba-PR, em 25/03/2013; e

⁵ Lúcio Gregori em seu ensaio Mobilidade e Tarifa Zero, destacou que as tarifas de transportes coletivos tem sido causa para várias revoltas populares ao longo da história brasileira. Além das mencionadas e ocorridas nesse século, salientou a Revolta do Vintém, em 1879; no “quebra-quebra” de 1947, em São Paulo; na greve dos bondes, em 1956 (BORBA; FELIZI; REYS, 2014, p.99).

- h) O terceiro, a cidade de Goiânia-GO em 08/05/2013, em ato de protesto promovido por cerca de 200 estudantes contra o aumento da tarifa do transporte coletivo.

Apesar dos protestos terem ocorridos em diversas capitais e cidades pequenas brasileiras, algumas análises enfatizaram que a “faísca do protesto” ou das grandes manifestações públicas de rua foram as mobilizações dos ativistas do MPL na cidade de São Paulo no dia 6 de junho de 2013, que receberam grande visibilidade nos meios de comunicação de massa devido a atuação repressiva e violenta⁶ da Polícia Militar de São Paulo aos manifestantes. Cada dia de mobilização ou “ato de protesto”, conforme eram nomeados por determinados manifestantes, foram descritos em vários ensaios os quais não se pretende reproduzir neste estudo, pela variação de detalhes dos protestos. (SINGER, 2013; GOHN, 2014A; FERNANDES E ROSENO, 2013; MORGENSTEN, 2015)

Boa parte das análises sobre os ciclos de protestos no Brasil em junho de 2013 contam com a descrição de cada evento de protesto ocorrido no mês de junho na cidade de São Paulo (FERNANDES E ROSENO, 2013) e Belo Horizonte (SILVA, 2015), mencionando alguns acontecimentos na cidade do Rio de Janeiro e Brasília, apesar de ter outras descrições dos protestos em cidades específicas como os eventos de Goiânia (VIANA, 2013). Tais eventos foram convocados pelo MPL, que possui representação em outras capitais brasileiras por meio de movimentos sociais que possuem a mesma demanda, o que vale ressaltar que foi justamente a tal distribuição geográfica, a homogeneidade ideológica e solidariedade próprias desses grupos envolvidos que foram cruciais na articulação e mobilização nacional.

Nestas descrições e opiniões, ressalta-se que as manifestações de rua iniciadas pelos MPL possuíam uma demanda pontual de redução da tarifa do transporte coletivo, melhoria do transporte para acesso à cidade e outros direitos decorrentes da mobilidade urbana (MARICATO *et al*, 2013). Mas a partir da atuação da Polícia Militar do Estado de São Paulo nos primeiros atos de protesto no ano de 2013, houve a multiplicidade e a heterogeneidade em vários aspectos devido à propagação na grande mídia (principalmente

⁶ Uma leitura registrada em vários ensaios foi a de que ao invés da resposta coercitiva e tradicional da polícia na dispersão de multidões provocar o enfraquecimento e desmobilização dos ativistas, teve um efeito contrário, tornou-se um fator de encorajamento e fortalecimentos dos coletivos de luta pela mobilidade urbana (direito à cidade) e melhoria no transporte coletivo de diversas capitais brasileiras, com o aparecimento de associações, sindicatos, partidos políticos e outras organizações acostumadas com ações coletivas de ocupações temporárias de espaço público.

a televisiva e alguns segmentos da mídia alternativa por meio das redes digitais), despertando a atenção de partidos políticos, associações civis, sindicatos, movimentos sociais organizados mobilizadores de ações coletivas e pessoas da população em geral, passando a participar dos eventos que tinham em sua base estudantes secundaristas, universitários e a juventude em geral conectada e convocada pelas redes sociais.

Esta amplitude das manifestações tomou as ruas, que tem como o ápice o dia 20 de junho de 2013, em que mais de um milhão de pessoas ocuparam os espaços públicos para fazer seu protesto nos grandes centros urbanos do Brasil, principalmente, nas capitais São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Goiânia e Fortaleza. Pode-se notar que houve uma diversidade de reivindicações, expressões de indignação e descontentamento, desde o aumento da tarifa do transporte, a precarização do trabalho, a corrupção na política, a precariedade dos serviços públicos (de saúde, educação, segurança), a violência policial, a impunidade, as deficiências da justiça, entre inúmeras outras reivindicações e desaprovações. Havendo diversidade de demandas, houve uma pluralidade de manifestantes de diferentes camadas e classes sociais com diferentes ideologias, posições políticas, aparecendo junto aos estudantes e à juventude inicial, entre os quais, manifestantes ligados a organizações sindicais, partidos políticos, pessoas da população sem histórico de participação política em protestos ou com vínculos em organizações mobilizadoras, os quais foram convocados pelas redes sociais e atenderam o insistente convite do “vem pra rua”.

Este caráter plural e heterogêneo que dimensionou as manifestações levaram algumas análises e opiniões a enfatizar a ausência de uma pauta ou demanda nacional específica, a falta de reivindicações identificáveis nos ciclos de protestos, provocando nas instituições policiais frente a surpresas dos massivos protestos e da multiplicidade de atores com lideranças não identificáveis, com estratégias com uso frequente de violência política (por coletivos que se denominam de *Black Blocs*) e outras estratégias de desobediência civil e ou resistência passiva (condutas não violentas porém com certo descumprimento de leis), como encenações teatrais de desaprovação e contestação que tornaram-se mais disseminadas e conhecidas nos protestos transnacionais ou contra a globalização nas massivas manifestações ocorridas nas cidades de Seattle, Genova, entre outras (DELLA PORTA, 2007; LUDD, 2002).

Algumas leituras e apontamentos realizados por cientistas sociais e jornalistas caracterizaram os protestos como manifestações espontâneas (MARQUES, 2013) em que

indivíduos e grupos expressam e participam das mobilizações por um despertar de um sentimento de desejo, voluntariedade ligados a situações de descontentamento e indignação, porém, outros questionaram tal ideia de espontaneidade atribuída aos eventos de protesto, pois nos “bastidores” (DOWBOR, SZWAKO, 2013) é identificável uma estrutura de mobilização em que se reconhece a intervenção ativa de organizações sociais e políticas e redes de mobilização (SILVA, 2014). Também Morgenstern (2015) defende que tanto os protestos do *Occupy Wall Street*⁷ quanto os convocados pelo MPL em junho de 2013 no Brasil foram arquitetados por sindicatos, organizações, coletivos com ideologias revolucionárias, com discurso anticapitalistas, com alusão a diversos partidos políticos conhecidos como de esquerda ou radicais: PT, PC do B, PSOL, PSTU entre outros.

O uso das redes sociais e demais mecanismos baseados no uso da internet (principalmente sem fio), mídias digitais por meio de telefonia móvel que alguns tem utilizado a denominação de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), tiveram um papel central nas mobilizações dos protestos. As redes sociais tornaram a matriz para as mobilizações, um espaço de compartilhamento, conscientização política e social e convite para participação nas manifestações de rua. A internet propiciou a liberdade de expressão por meio de mídias sociais como o Facebook, Twitter, blogs, etc. (FERNANDES e ROSENO, 2013). No entanto, tais análises não desmereceram o papel da mediação dos indivíduos vinculados às organizações e suas redes de mobilização, pois propiciaram uma conexão das pessoas nos processos de mobilização, com menor grau de dependência das organizações. E, esta nova dinâmica nos processos de mobilização com centralidade de ações de indivíduos conectados nas redes sociais por meio das TICs foram denominadas por W. L. Bennet e Alexandra Segerberg de ações conectivas. Algumas análises buscaram comparar com alguns movimentos recentes (*Occupy*, Indignados, Primavera Árabe, etc.) por argumentarem que as redes sociais tornam-se um espaço de autonomia dos indivíduos na "sociedade em redes", proporcionando a “autocomunicação de massa”, em que há a autonomia do indivíduo ou do ator social no domínio da comunicação digital em emitir, receber e selecionar mensagens com uso da

⁷ Em língua portuguesa quer dizer “Ocupe o Wall Street” que foi um movimento de protesto contra a crise financeira mundial, iniciado em 11 de setembro de 2011 em que a estratégia era as pessoas ocuparem o *Wall Street*, no Zuccotti Park, no distrito financeiro de Manhattan, na cidade de Nova York - setor financeiro dos Estados Unidos. Este movimento de ação coletiva mobilizou pessoas em várias cidades americanas e outras partes da Europa.

internet e redes sem fio, o exercício do contrapoder perante os meios de comunicação de massa que são controlados pelo governo e as empresas da mídia (CASTELLS, 2013). O que fez desta autonomia do indivíduo um traço marcante dos protestos de 2013 foi que os indivíduos se sentissem sujeitos com legitimidade para expressar sua reivindicação, o que fez que tivesse levado às ruas indivíduos e grupos com interesses distintos e até contraditórios (DAMO, 2014).

A mídia tradicional, os grandes meios de comunicação ou “os meios oligopolistas de comunicação” é retratado pela sua lógica própria de veicular as informações sobre os eventos de protesto. Salienta-se que após os primeiros eventos de protestos promovidos pelos estudantes e os jovens manifestantes do MPL, principalmente nos espaços públicos de São Paulo (não que não tenha ocorrido em outras cidades), que foram dispersados pelas tropas de choque da polícia militar com o emprego de métodos tradicionais de dispersão (uso de balas de borracha e gás lacrimogêneo), os meios de comunicação de massa dos jornais de grande circulação e as principais emissoras de televisão iniciaram um processo de demonização ou estigmatização dos protestos, com apelo contra as táticas empregadas por grupos de manifestantes com danos a bens e instalações físicas e violência dirigida contra policiais militares e, concomitantemente, pelo uso da força policial decorrente de confronto entre policiais e manifestantes.

Houve protestos posteriores que os jornalistas e repórteres dessa grande mídia foram impedidos e ameaçados de realizarem a cobertura dos eventos, pois os manifestantes já faziam uso dos canais autônomos de comunicação ou meios de comunicação alternativos (a Mídia Ninja - Narrativas Independentes de Jornalismo de Ação - tornou-se o mais conhecido, que teve a articulação e organização desenvolvida pelo coletivo Fora do Eixo), para divulgar as ações do protestos nas redes sociais e produzir as denúncias de ações da polícia. A grande mídia também contribuiu para divulgar os locais e horários dos eventos de protestos em diferentes cidades e regiões do país e até mesmo em âmbito internacional. No entanto, a mídia tem sido percebida pela sua ação manipuladora no sentido de arquitetar a mudança de pauta das manifestações, uma tática de cooptação com a propositura de um novo enquadramento ou novas representações sociais⁸, de uma nova narrativa difundindo outras pautas, outras

⁸ Assim como a mídia propaga um sentimento de medo e insegurança decorrentes da divulgação de elevados índices de criminalidade e violência urbana. Nesta mesma linha de ação, nos eventos de protesto no Brasil de 2013, os grandes veículos de comunicação propiciaram a difusão de um sentimento de indignação, de revolta

reivindicações, passando da demanda específica e concreta da mobilidade urbana, como a redução da tarifa do transporte coletivo, para o combate à corrupção na política, ao fracasso ou crise nas gestões institucionais do Governo, a impunidades de políticos e uma diversidade de pautas difusas, trazendo outros manifestantes de diferentes camadas e classes sociais aos grandes eventos de demonstração pública. Portanto, a mídia teve um papel crucial na dinâmica das manifestações, interferindo no “jogo” e nos jogadores (polícia, manifestantes, autoridades políticas, a população espectadora, entre outros).

O ciclo de protestos ocorridos no Brasil a partir de 2013 permitiu diferentes interpretações, representações sociais que variaram de acordo com os interesses e valores de cada pesquisador, proporcionando análises sobre as propriedades particulares percebidas na complexidade do fenômeno. Algumas leituras destacaram-se o papel da juventude nas ações coletivas de contestação e participação política, a atuação da forças policiais, o perfil e a composição social dos manifestantes, debate sobre a democracia, a luta de classes, a disputa dos partidos políticos, o caráter criminoso dos protestos e a participação de grupos que agem apenas pelo contágio e a vontade de praticar danos ao patrimônio e violência física, notadamente contra os agentes de segurança pública e outros.

Após elaborar este balanço das discussões das manifestações públicas de protesto ocorridas no ano de 2013, tem se o objetivo de discutir no próximo tópico as representações sociais de policiais militares da Tropa de Choque de Goiás acerca do grupo de manifestantes que são conhecidos por sua tática como *Black Blocs*. Mas antes, é necessário contextualizar a missão da Polícia Militar e do direito de reunião e manifestação que a legislação estabelece.

A Constituição Federal do Brasil traz no seu Artigo 144 que a finalidade da segurança pública é a preservação da ordem pública, da incolumidade física das pessoas e do patrimônio, e ainda, descreveu unicamente para a polícia militar como um de seus órgãos, a missão de preservação da ordem pública e mais as atividades de polícia ostensiva (BRASIL, 1988). No exercício de suas atividades constitucionais, as polícias militares são responsáveis pela garantia dos direitos fundamentais dos cidadãos, entre eles, o direito de reunião e manifestação. Este direito de reunião e manifestação pode ser exercido nos termos especificado pela Constituição Federal e demais tratados e convenções

com a situação social, política e cultural do país, o que pode ter levado a produzir a interpretação dos protestos como uma situação de crise econômica e política do país, um fracasso das gestões institucionais do governo.

internacionais própria do Estado Democrático de Direito, e aqui trazemos a explicação do Professor da Faculdade de Direito do Porto, Antônio Francisco de Souza:

O direito de reunião e manifestação consagrado na constituição consiste na faculdade de duas ou mais pessoas têm se encontrar, de forma temporária, pacífica, sem armas, em determinado local, público ou aberto ao público, geralmente mediante uma convocatória prévia e com um mínimo de organização, para ouvir, debater e/ou manifestar ideias ou opiniões ou para prosseguir outros interesses comuns lícitos (SOUZA, 2010, p. 26).

Deste modo, nas reuniões e manifestações, a polícia militar tem o dever de proteger o exercício do direito fundamental de reunir e manifestar pacificamente, mas quando o evento colocar em risco de perturbação da ordem pública e ou ameaça à segurança pública dos seus participantes e outros direitos, não havendo possibilidade dessa força policial assegurar o caráter pacífico, tornando-se um evento propenso a ações ilegais e de violência coletiva, a Tropa de Choque deve intervir para restaurar a ordem, dissolvendo a reunião e ou manifestação pública.

Representações sociais: os *Black Blocs* e a polícia militar de Goiás

A partir das contribuições de Jodelet (2001) encara-se as representações sociais como formas práticas de conhecimento da realidade social, que os indivíduos elaboram para compreender e dar sentido a suas ações sociais a fim de compreender a realidade a sua volta. Portanto, as representações sociais são saberes práticos que guiam ou orientam os indivíduos na forma de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade. Mas também, entende-se na aplicação de Porto (2004, 2006, 2010, 2014) como uma ferramenta teórico-metodológica adequada para a análise sociológica dos fenômenos sociais. Logo, os conteúdos das representações sociais são os sentidos, as crenças, os valores presentes na base das ações e relações sociais dos indivíduos em sociedade.

Mas, o que vem a ser os *Black Blocs*? O pesquisador Dupuis-Déri (2014) em sua obra *Black Blocs*, com primeira publicação no ano de 2007, por meio de métodos de observação, entrevistas com participantes e jornalistas, estudou as origens do fenômeno *Black Blocs*. Ele descreveu as formas de atuação, discutiu as repercussões de suas mobilizações, às críticas recebidas e suscitadas sobre a legitimidade de suas ações com o emprego da violência nos protestos, além de análises sobre as motivações políticas.

Segundo Dupuis-Déri, *Black Blocs*⁹, pelo caráter efêmero de sua aparição e desaparecimento em manifestações, argumenta que não pode ser confundido com um movimento social, uma organização social, mas grosso modo, como uma forma de atuar e comportar em um protesto, que nem sempre implica em usar da força ou de práticas de violência e vandalismo.

Black Blocs são compostos por grupamentos pontuais de indivíduos ou grupo de pessoas formados durante uma marcha ou manifestação. A expressão designa uma forma específica de ação coletiva, uma tática que consiste em formar um bloco em movimento no qual as pessoas preservam seu anonimato graças, em parte, às máscaras e roupas pretas. Embora os *Black Blocs* recorram à força para exprimir sua crítica radical, eles costumam se contentar em desfilar calmamente. O principal objetivo de um *Black Bloc* é indicar uma crítica radical ao sistema econômico e político (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 10).

Cardoni (2014), numa análise a partir das publicações na internet de alguns adeptos após os atos nos protestos de 2013 no Brasil, postulou que muitos movimentos sociais, organizações mobilizadoras de ações coletivas, têm contestado essa autoconcepção dos participantes de *Black Blocs* como uma “tática”, um “método de ação direta”, uma não-organização baseada na horizontalidade, etc., e contra argumentaram que tratava-se de uma organização com ideologias anarquistas, marxistas e outras influências libertárias. Contudo, Dupuis-Déri tem salientado que eles não pretendem construir uma teoria social, filosófica ou política sobre a sociedade e a globalização capitalista. E, também, os *Black Blocs* não podem ser entendidos como organizações sociais, simplesmente porque em algumas ocasiões, alguns comunicados anônimos são feitos por pessoas envolvidas em um *Black Bloc* depois de um protesto para explicar e

⁹ Como o autor informou não saber quando o termo “*Black Bloc*” foi utilizado pela primeira vez, mas apresentou três alternativas, não sei se intencionalmente, sendo uma pelo manifestante, outra pela mídia e uma terceira pela polícia. Então, observe a citação: “Alguns afirmam que foi em 1980, quando um chamado pela mobilização anarquista de Primeiro de maio em Frankfurt pedia às pessoas que “[se juntassem] ao *Black Bloc*”. Outra história localiza o termo meses depois, quando a polícia avançou para desmontar “a República Livre de Wendland” um acampamento em protesto contra a abertura de um depósito de lixo radioativo em Gorbelen, Baixa Saxônia. Nos dias seguintes, foram organizadas manifestações em solidariedade, sendo a mais famosa a “*Black Friday*”, em que, segundo consta, todas as pessoas estavam vestidas com jaquetas de couro preto e um capacete de moto, com os rostos cobertos por bandanas pretas. As reportagens sobre o evento faziam referência ao *Schwazer Block* (isto é, *Black Bloc*). Outros ainda defendem que o termo foi cunhado em dezembro de 1980 pela polícia de Berlim Oriental. tendo decidido pôr fim às ocupações, as autoridades municipais haviam autorizado a polícia a conduzir uma série de despejos extremamente violentos. Diante da ameaça iminente de uma ação brutal da polícia, diversos autônomos com máscaras e roupas pretas foram às ruas para defender suas ocupações. Nesse cenário, chegou a haver ação jurídica contra a “organização criminosa” conhecida como “o *Black Bloc*”. Mas a ação da procuradoria perdeu, e as autoridades admitiram que a organização nunca existira (DUPUIS-DÉRI, 2014, 42-43).

justificar suas ações e expor suas críticas à violência estrutural do capitalismo e do sistema estatal.

Se não podem fazer referência como uma organização permanente, uma vez que qualquer pessoa trajando roupas pretas pode se infiltrar e participar da tática, pressupõe-se a existência de um grupo social organizado de adeptos dessas táticas, pois existem mobilizações, chamados pela internet para a formação de um *Black Bloc* em grandes manifestações.

Para eventos muito importantes, grupo com afinidades podem se encontrar horas ou dias antes de uma manifestação para planejar e coordenar suas ações, e não são raros encontros de coordenação que ocorrem semanas ou até meses antes. No entanto, o mais comum é que os Black Blocs surjam de maneira espontânea (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 13).

Segundo Dupuis-Déri, muitos movimentos sociais ficaram conhecidos por grupos de manifestantes com capacetes e cassetetes a frente das passeatas e manifestações - como unidades de choque mais ou menos organizadas e preparadas para enfrentar a polícia. Houve no Maio de 1968 em Paris; no ano 1969 em Chicago, Estados Unidos e nos anos de 1980 na França, o movimento antifascismo. No entanto, os *Black Blocs* se diferenciam desses grupos não é pelo uso da força ou de equipamentos defensivos e ofensivos nas manifestações:

Na verdade, o que diferencia essa tática de outras unidades de choque é sobretudo sua caracterização visual - a roupa inteiramente preta da tradição *anarcopunk* - e suas raízes históricas e políticas nos *Autonomen*¹⁰, o movimento autonomista em Berlim Ocidental, onde a tática *Black Bloc* foi empregada pela primeira vez no início dos anos de 1980 (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 40).

Esta forma de ação se disseminou a partir dos anos de 1990 nos Estados Unidos e Canadá, e teve uma repercussão maior nos protestos de Seattle em 30 de novembro de 1999, durante as manifestações públicas contra a reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC). Grande parte dos manifestantes utilizavam ações de desobediência civil, ações não violentas promovidas principalmente por manifestantes ambientalistas, nos chamados movimentos alterglobalização ou movimentos “por uma nova globalização”, que é contrária a globalização neoliberal.

¹⁰ De acordo com Dupuis-Déri, o autonomismo, com política igualitária e participativa, sem hierarquia ou posições de autoridades, possuía uma diversidade ideológica - marxismo, feminismo radical, anarquismo, ambientalismo - como garantia para a liberdade, a autonomia do indivíduo e autonomia da coletividade (sem liderança ou representação). Surgiu na Alemanha, e disseminou para Dinamarca e Noruega.

Às margens dos protestos, contudo, pequenos grupos intervêm de forma violenta, quebrando as vitrinas de alguns estabelecimentos comerciais de multinacionais - entre os quais a Nike, a Levi's e o McDonald's - já submetidas a campanhas de boicote pela utilização de trabalho infantil ou de produtos geneticamente modificados. Seja como for, é antes das ações violentas dos anarquistas que a polícia intervém energicamente contra o bloqueio não-violento, com gás lacrimogêneo e spray de pimenta (DELLA PORTA, 2007, p. 10).

Na pesquisa de Dupuis-Déri, aponta para um perfil heterogêneo dos *Black Blockers*, quanto à idade, gênero, raças, profissões, porém sugere-se que em sua maioria são jovens e homens. De igual forma, na pesquisa de Esther Solano Gallego (2014), realizada entre agosto de 2013 até julho de 2014 em São Paulo, por meio de observações, entrevistas com os adeptos no calor das manifestações, segundo a socióloga, por trás das máscaras, os participantes dos *Black Blocs* são tanto jovens com baixos níveis de consciência política em busca de emoção quanto ativistas altamente politizados.

Os *Black Blocs* têm chamado à atenção da mídia e, por conseguinte, de segmentos da sociedade a cada vez que entram em cena em um protesto, seja pela característica visual, a comum associação a grupos anarquistas com ações irracionais de destruição, retratando-os por um desejo único de destruição, desprovidos de qualquer consciência ou racionalidade política, com os estereótipos de “arruaceiros”, “vândalos”, “mascarados”, “radicais” entre outros, um tipo de ameaça ao estado democrático de direito. Seria dizer, enquanto a polícia é um martelo, os *black blocs* são uma marreta.

A imagem pública dos Black Blocs foi distorcida pelo ódio e pelo desprezo que seus muitos críticos alimentam por eles: políticos, policiais, intelectuais de direita, jornalistas, acadêmicos e porta-vozes de diversas organizações progressistas institucionalizadas, assim como outros manifestantes que acham que eles colocam em risco pessoas que não estão preparadas para enfrentar a violência policial (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 23).

Silva *et al* (2015) descreveram algumas representações desse “grupo” a respeito dos policiais militares. Se por um lado, uma parcela dos adeptos do coletivo *Anonymous* veem a ação de policiais com bons olhos, justificável, com defesa de que em alguns casos ela deveria ser mais rigorosa, com publicações de agradecimento nas redes sociais pela presença da corporação que tem evitado o caos, sustentando também que os policiais

fazem parte da “classe” trabalhadora. Por outro lado, os *Black Blocs* possuem uma visão inteiramente negativa:

Os *Black blocs* são completamente contra a polícia e se referem aos policiais como “porcos”. Há inúmeros comentários reclamando da ação truculenta, violenta e arbitrária da corporação, inclusive com várias denúncias de policiais infiltrados nas manifestações na tentativa de criminalizá-las — os chamados P2¹¹. Segundo o grupo, os P2 agredem, vandalizam como se fossem membros do "grupo", para piorar sua imagem frente a sociedade e “justificar” uma ação mais agressiva da polícia. Há muitas reclamações de prisões de manifestantes, da tentativa de evitar filmagens e de agressões, além de corrupção dentro das corporações (SILVA *et al*, 2015, p. 170).

Os policiais militares da Tropa de Choque da PMGO que foram entrevistados têm apresentado um mesmo significado para esta tática de infiltrar nas manifestações e a conexão com atos de vandalismo, conforme a descrição na narrativa abaixo:

[...] tem grupos que eles são organizados, provocadores, radicais e agressivos, mas são grupos que eles não têm ali um interesse propriamente de manifestar exigindo algum direito, eles aproveitam de alguma falha no sistema naquele momento, eles aproveitam de alguma reivindicação que está tendo naquele momento, se infiltram naquele movimento com o objetivo de quê? Tão somente de afrontar o Estado, e afronta ao Estado mais próximo que eles têm ali, primeiro a distribuição patrimonial, é primeiro eles fazem a distribuição.... Do patrimônio alheio e depois eles conseguem afrontar o Estado por intermédio da polícia, eles afrontam a polícia gerando o quê? Uma ação da tropa de choque contra eles para ver se de alguma forma ocorre um erro e atinge alguém que estejam no meio deles (Entrevista nº 13).

Os *Black Blocs* são percebidos simplesmente como grupos de indivíduos que saem de casa com disposição consciente de produzir uma performance de “vândalo” que se juntam no decorrer da manifestação com o mesmo objetivo, utilizando do anonimato da máscara ou do rosto coberto para provocar danos, destruição à propriedade alheia e arremessar artefatos caseiros que causam ferimentos em policiais e incêndio em propriedades privadas.

Nos eventos, principalmente de 2013, a gente teve uma modalidade diferente, que eram os *black blocs* né. Então o indivíduo que vai para uma manifestação, com o rosto coberto, com mochila com coquetel *molotov*, com estilingue, bola de gude, batata com prego, esse indivíduo, ele já vai

¹¹ São os policiais militares que trabalham na atividade de inteligência policial na busca de informações em locais designados pela instituição para produzir conhecimentos que subsidiam a tomada de decisão dos comandantes policiais militares, sejam em eventos de protestos ou espaços que visem a prevenção e repressão a delitos. Estes policiais trabalham de forma velada (não ostensiva) normalmente à paisana para dar suporte às atividades ostensivas.

para uma manifestação com uma intenção diferente daquele da manifestação, manifestando o direito que ele crê que tem. Então esse tipo de indivíduo, é ele... recebe um tratamento diferente, ele está ali usando do anonimato do... número de pessoas para cometer delitos, né. Então esse indivíduo ele... precisa de uma resposta diferenciada (Entrevista nº 9).

Os seus adeptos, às vezes, são percebidos como pessoas que pertencem a uma classe econômica que não lidam com uma vida dura de trabalho, mas que sobrevivem às custas do capital da família, “os desocupados”, “filhinhos de papai” e que vão às manifestações públicas para “agitar” ou se divertir. Isto é, são percebidos como uma geração de jovens que vivem uma contradição de ideias e ações, os quais foram gerados e mantidos sob a mesma exploração capitalista que alguns adeptos visam ideologicamente combater.

Esses *Black Blocs* aí são...aquelas pessoas que não tem...[risos] aqueles desocupados que não tem nada o que fazer. Geralmente, vem de classe média alta, que tem dificuldade nenhuma e estão ali só para agitar mesmo (Entrevista nº 6).

Outra representação suscitada é a de que os *black blockers* são pessoas que estão vinculadas às universidades, a alguns grupos de afinidades como os estudantes, pessoas que possuem uma certa consciência política ou movidos por um sentimento de antipatia ou aversão à instituição policial (SOLANO, 2014), por ser o aparelho repressor do Estado (ALTHUSSER, 2008), aquele que faz uso da força autorizada pela comunidade para utilizar contra ela mesma (BAYLEY, 2006), que está sempre presente nas manifestações e representante do sistema opressor.

[...] esses *black blocks* através de um serviço nosso inteligente, vê que a maioria deles são pessoas que são né, da própria universidade, ou seja, são pessoas detentores de conhecimentos né, e provocam essas situações. Então são pessoas que, elas têm uma antipatia com a Polícia Militar. Não falo só com a Polícia Militar, mas com a polícia em geral, porque a polícia ela atua na regulação né, das pessoas, ela regula, mas de forma legal, as pessoas e isso eles não entendem nesse aspecto. Eles querem ter uma liberdade utópica né, que num é, convém na nossa sociedade hoje (Entrevista nº 12).

Os *Black Blocs* também são reconhecidos como um grupo que utiliza táticas distintas, que são aqueles que agem no enfrentamento com ações planejadas e não como uma reação, empregam táticas militares e de guerrilha urbana, com repertórios de ação experimentados em eventos anteriores, tais como na época da ditadura, que inclusive

causam mortes nos protestos. Utilizam das novas tecnologias como meio de mobilização de suas ações.

Bom, os *black blocs* são...uma... turma de manifestantes que preferiram fazer as manifestações pelo lado da baderna, pelo lado da opressão, pelo enfrentamento, e esse enfrentamento eles organizaram muito bem, buscando exemplos anteriores da época do militarismo, como o coquetel molotov, bombas caseiras com prego, estilingues/ garrotes com bolas de gude, então essas coisas machucam muito e pode até levar a morte, exemplo, do jornalista lá, que faleceu com um foguete, no Rio de Janeiro, né. Então, eles se organizaram, com a intenção de bagunçar mesmo! Como eu falei anteriormente, a intenção deles é, com enfrentamento da polícia, e eles desmoralizando a polícia, acha que vai desmoralizar o governo e vai ganhar a causa deles, e isto não vai acontecer, não pode e não deve (Entrevista nº 2).

Black blocs é um grupo...vamos dizer assim, é como se dizia antigamente, é subversivo, porquê? Eles usam de meios da internet que hoje é disponível, de táticas militares, como se fosse uma milícia, porque eles usam da internet para descobrir como que a tropa de choque age. “Não, vamos botar um latão aqui. Vamos fazer de escudo, vamos agir igual eles!” E hoje na internet, infelizmente, muita coisa a gente acha é...de tática militar, é encontrada na internet fabricação de bomba caseira, artefatos explosivos e tudo isso é, facilita muito para eles. Pessoas inteligentes, mas que tem um propósito definido para os ataques deles, eles querem é confrontar o poder público, na minha opinião. [...]. Nem considero *black blocs*, na minha opinião, como um movimento, como uma organização, aqueles são vândalos, são pessoas que estão a fim de provocar o caos mesmo, o tumulto, descumprir a lei, que se infiltram em algum movimento pacífico, e aí o que gera todo o problema (Entrevista nº 3).

As representações dos policiais militares entrevistados conseguem identificá-los como um grupo específico, reconhecem a agressividade, o desrespeito às leis, com o uso regular da violência como característica principal, que não cabe dentro do ordenamento jurídico brasileiro, deixando de ser o manifestante pacífico ideal para tornar-se um “vândalo”.

[*Black Blocs*] eles têm a teoria deles. A meu ver, eles têm assim, o ideal para eles e a ideologia deles. Assim como a maioria dos grupos tem. Só que o jeito deles manifestar. A busca desse direito deles, eles tão, eles colocam assim muita agressividade. Em nosso país, e assim, no nosso país, não cabe a ação deles. A reivindicação dos direitos que eles acham que tem ou, às vezes tem esse direito, mas não daquela forma de exigir, de se colocar a frente de uma manifestação. Passa assim de manifestante para vândalos, marginais, assim, eles perdem totalmente a maneira de se colocar, de se por as ideias deles no meio daquela manifestação (Entrevista nº 5).

A partir das respostas obtidas da pesquisa de Costa (2016), os policiais militares da Tropa de Choque da PMGO demonstram pouco conhecimento teórico sobre os *Black Blocs*, a maior parte das informações são oriundas de notícias e reportagens da mídia decorrentes de seu aparecimento nos protestos sociais no ano de 2013 e 2014 no Brasil. Uma vez que não existe esta “tática” ou este “grupo de afinidade” na doutrina de choque. São encarados com maior rigor por parte da tropa de choque pela imagem social associada aos “vândalos”, que é disseminada e demonizada pela mídia e outras instituições.

[...]. Criaram-se esses grupos os *black... blocs* né que chama um termo inglês lá, sei nem qual que é a definição exata disso aí, mais assim, nós percebemos o seguinte, que são grupos que não tem o objetivo traçado ali naquela manifestação, a única coisa definida que eles têm realmente é provocar a desordem, quebradeira geral, colocam na cabeça, é “nós somos contra o capitalismo”, então “vamos quebrar os bancos”, como se fosse resolver a situação dessa forma e não é por aí. Então, esse tipo de manifestante aí realmente, quando se trata desse tipo de manifestante, com certeza a tropa de choque ela já vai com.... os ânimos mais alterados, isso é fato no meio da tropa (Entrevista nº 8).

Uma representação suscitada nas entrevistas é a de que os manifestantes que têm aderido à tática dos Black Blocs são os estudantes, considerando a ampla participação e mobilização (com confrontos constantes com a polícia) deles nos protestos de 2013, por meio do Movimento Passe Livre e demais coletivos organizados na luta pela redução da tarifa do transporte coletivo nas principais capitais, entre elas São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte e Goiânia.

Então, a tropa de choque fica mais atenta ainda a respeito desses estudantes, e no meio desses estudantes tem um grupo que foi criado, principalmente agora nessa última manifestação grandiosa que nós tivemos em 2013, que são os *black blocs* né, e são pessoas que, incitam a violência, o propósito deles é criar a violência. (Entrevista nº 12).

Alguns textos sobre os *Black Blocs* afirmam que na base da mobilização existem os grupos de afinidades - grupos pequenos de pessoas que são conhecidos uns dos outros, possuindo objetivos e ideologias políticas comuns em prol de uma ação coletiva - que seriam mais ou menos as representações advindas da prática policial concernentes a características dos protestos de coletivos cujos principais protagonistas são estudantes.

Uma das características dos *Black Blocs* é sua forma horizontal, não-hierárquica, própria para evitar a lentidão de uma gestão centralizada. Não existe chefe nem verdadeiro plano unitário, mas sim indivíduos que

constituem pequenos grupos de afinidades independentes uns dos outros. Esse modo de funcionamento permite uma relativa autonomia, no lugar de uma organização global muitas vezes sufocante (e mais propícia a expressar relações de poder). A organização em grupos de afinidade permite tomadas de decisão bem mais rápidas e igualitárias (os grupos são constituídos de uma pequena quantidade de pessoas que se conhecem), e deste modo facilmente as mudanças e as evoluções instantâneas desorientam a polícia (LUDD, 2002, p. 82).

Os *Black Blocs* também são percebidos como “manifestantes” profissionais imbuídos de valores e ideologias de um partido socialista, “de característica fundamentalista e agressivo, radical”. São grupo de pessoas manipuladas por um partido político e que normalmente possuem aversão às corporações policiais. Os *Black Blocs* estão representados por aquele grupo que age pela oportunidade, por meio do anonimato movidos por uma teoria anarquista.

[...] *black blocs* é... uma organização. Hoje, eles são profissionais em movimento e manifestação, eles não têm... uma exigência concreta, plausível que possa ser negociada. Então, com os *black blocks* nunca haverá uma negociação dentro de uma manifestação, por que qual é os objetivos dos *black blocs*? Tão somente chegar e causar a balbúrdia, e os *black blocks* como todos nós sabemos, qual que é o fundo dele? O fundo dele é um fundo político de um partido socialista que eu não vou citar o nome aqui, mais de um partido socialista, de característica fundamentalista e agressivo, radical (Entrevista n° 13).

[...], mas a gente tem a questão dos *black blocs*, que é um grupo, em tese anarquista, e que realmente eles atuam de forma oportunista em todos os eventos para causar desordem (Entrevista n° 9).

Como se verificou, de forma recorrente, nas narrativas dos policiais militares pesquisados, as representações elaboradas sobre os manifestantes, no caso sobre os *Black blockers* apresenta a função pragmática da representação social enquanto forma de conhecimento e apreensão da realidade social, e como pôde perceber claramente, como forma de orientar a conduta dos policiais em suas ações. Têm-se, então, representações sociais orientando as condutas.

No questionário aplicado aos 150 policiais militares integrantes da Tropa de Choque de Goiás haviam duas questões que possibilitaram obter uma visão geral, numa perspectiva quantitativa, a partir das representações individuais sobre a representação dos policiais, sobre os protestos e suas relações com os manifestantes. Numa das questões buscou saber o grau de aceitação e ou desaprovação (Muita simpatia – pouca simpatia – sem simpatia – pouca antipatia – muita antipatia) em relação a cada um dos

protestos/manifestantes (Servidores da educação, MST, Estudantes, *Black Blocs*, transporte coletivo e outros) na ótica dos policiais militares sendo que os Black Blocs tiveram “muita antipatia” com 86% por (130) policiais militares. Na outra questão, sobre o comportamento dos manifestantes (Cooperativos e pacíficos - Não cooperativos e violentos - Não cooperativos, mas pacíficos) sendo que 90 % (135 Policiais militares) consideraram os *Black Blocs* como “não cooperativos e violentos” seguidos dos integrantes do MTST com 78 % (117 policiais militares).

Considerações finais

O objetivo deste artigo foi apresentar as representações sociais da Tropa de Choque da PMGO sobre os manifestantes conhecidos por sua tática como *Black Blocs* a partir do conhecimento dos policiais militares obtidos durante as intervenções policiais nos eventos de protestos das Manifestações Públicas de 2013. Uma imagem elaborada não somente decorrente da intervenção, mas da opinião pública, ideologias, valores, crenças que circulam no meio policial, mas principalmente pela forma divulgada e construída pelos meios de comunicação, em especial, pela televisão. E assim, são constituídas as representações sociais de valores, crenças, sentidos, saberes que levam os indivíduos a construir uma visão de mundo acerca de um fenômeno social, e por meios dessas representações, eles atribuem em suas ações e suas relações sociais, tornando-se uma orientação prática das condutas.

Nas representações dos policiais militares pesquisados, acessou-se alguns significados para os *Black Blocs*. Eles não são manifestantes, mas “vândalos”. Utilizam do anonimato proveniente da máscara ou do rosto coberto e do oportunismo para provocar danos, destruição à propriedade alheia e arremessar objetos, artefatos caseiros que causam ferimentos em policiais e também incêndio em bens e instalações físicas. Cabem outros estereótipos a figura deles: são um grupo de jovens “os desocupados”, “filhinhos de papai”, vão às manifestações públicas somente para “agitar” ou se divertir.

Estes policiais militares também alimentam a imagem dos *Black blockers* como pessoas que estão vinculadas às universidades, cujos os principais adeptos são os estudantes. São um grupo reconhecido caracteristicamente pela agressividade, o desrespeito às leis, com o uso regular da violência, age no enfrentamento com algumas ações planejadas e não como uma reação. Empregam táticas militares e de guerrilha

urbana, com repertórios de ação experimentados em eventos anteriores, tais como na época da ditadura, que inclusive causam mortes nos protestos. São imbuídos de valores e ideologias de um partido socialista, pessoas manipuladas que normalmente possuem aversão às corporações policiais.

O grupo dos *Black Blocs* enquanto um grupo de manifestantes têm demonstrado aversão aos policiais militares conforme a literatura revisada, e suas táticas violentas empregadas e sua disposição não hierarquizada e de indisponibilidade para à negociação ou comunicação com as forças policiais tem contribuído para a manutenção de uma visão ou estereótipo que diante de um protesto, resta aos policiais diante do primeiro ataque a tropa policial ou ação de destruição ou vandalismo, reagir com ações de dispersão aos manifestantes.

Referências Bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. **Sobre a reprodução**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BAYLEY, David H. **Padrões de policiamento: uma análise comparativa internacional**. Trad. Renê Alexandre Belmonte. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

BRASIL. Ministério do Exército. **Manual de campanha: distúrbios civis e calamidades públicas**. 3. ed. 1973.

_____. **Constituição Federal de 1988**. Planalto. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 08 fev. 2018.

CARDONI, Edison. **Anarquismos, black blocs, provocações**. Brasília: Nova Palavra, 2014.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CATTANI, Antonio David (Org.). **Protestos: análises das ciências sociais**. Porto Alegre: Tomo editorial, 2014.

COSTA, Alexandre Henriques da. **Tropa de Choque: elite operacional das polícias militares**. São Paulo: Ernesto Reichmann, 2002.

COSTA, Leon Denis da. **As representações sociais da Tropa de Choque da Polícia Militar de Goiás sobre protestos e manifestantes**. 2016.

f.165.Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016a.

_____. **Movimentos sociais, protesto e manifestações públicas.** In: VIANA, Nildo (Org). Movimentos Sociais: questões teóricas e conceituais. Goiânia: Redelp, 2016b.

DAMO, Arlei Sander. **A copa das manifestações.** In: CATTANI, Antonio David (Org.). Protestos: análises das ciências sociais. Porto Alegre: Tomo editorial, 2014.

DELLA PORTA, Donatella. **O movimento por uma nova globalização.** São Paulo: Loyola, 2007.

DOWBOR, Monika; SZWAKO, José. **Respeitável público... performance e organizações de movimentos antes dos protestos de 2013.** Novos Estudos CEBRAP, 97, p. 43-55, nov. 2013.

DUPUIS-DERI, Francis. **Black blocs.** Trad. Guilherme Miranda. São Paulo: Veneta, 2014.

FERNANDES, Edson, ROSENO, Ricardo de Freitas. **Protesta Brasil: das redes sociais às manifestações de rua.** São Paulo - SP, editora Prata, 2013.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos.** São Paulo: Loyola, 1997.

_____. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014a.

_____. **Sociologia dos movimentos sociais.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014b.

JODELET, D. **Representações sociais: um domínio em expansão.** In: _____. (Org.). Representações Sociais. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

LUDD, Ned. (Org.) **Urgência das ruas: Black Block, Reclaim The Streets e os dias de ação global.** São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2002.

MARICATO, E. et al. **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas no Brasil.** São Paulo: Boitempo e Carta Maior, 2013.

MONGERNSTERN, Flávio. **Por trás das máscaras: do passe livre aos black blocs, as manifestações que tomaram as ruas do Brasil.** 2. ed. Rio de Janeiro, Record, 2015.

PORTO, M.S.G. **Polícia e Violência: representações sociais de elites policiais do Distrito Federal.** São Paulo em Perspectiva. v.18, São Paulo, p. 132-141 jan. /mar. 2004.

_____. **Crenças, valores e representações sociais da violência.** Sociologias. Porto Alegre, ano 8, nº 16, jul/dez 2006, p.250-273.

_____. **Sociologia da violência: do conceito as representações sociais.** Brasília: Francis, 2010.

_____. **Representações sociais e violência.** In: LIMA, Renato Sérgio; RATTON, José Luiz e AZEVEDO, Rodrigo G. (Org.) Crime, polícia e justiça no Brasil. São Paulo: Contexto, 2014.

ROVER, Cees de. **Para servir e proteger: direitos humanos e direito internacional humanitário para forças policiais e de segurança.** 4. ed. Genebra, Comitê Internacional da Cruz Vermelha: 2005.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Das mobilizações às redes de movimentos sociais.** Sociedade e Estado. Brasília, v. 21, n.1, jan/abr, 2006.

_____. **Manifestações de Rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na política.** Cadernos CRH, volume 27, n. 71, pp.417-429, mai./ago., 2014.

SILVA, Marcelo Kunrath. **Vem pra rua: o ciclo de protestos de 2013 como expressão d um novo padrão de mobilização contestatória.** In: CATTANI, Antônio David (Org.). Protestos: análises das ciências sociais. Porto Alegre: Tomo editorial, 2014.

SILVA, Regina Helena Alves da. et al. **Vandalismo e política nas redes sociais: caso dos Anonymous e Black Bloc.** In: Regina Helena Alves da Silva (org.) Ruas e Redes: dinâmicas dos protestos br. Editora Autentica, Belo Horizonte, 2015.

SINGER, André. **Brasil, junho de 2013: classes e ideologias cruzadas.** Novos Estudos CEBRAP, 97, p. 23-40, nov. 2013.

SOLANO, Esther, MANSO, Bruno. P. NOVAES, William. **Mascarados: A verdadeira história da tática dos black bloc.** São Paulo: Geração Editorial, 2014.

SOUZA, Antônio Francisco de. **Reuniões e Manifestações no Estado de Direito.** 2. Ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

TATAGIBA, Luciana. **1984, 1992 e 2013: sobre ciclos de protesto e democracia no Brasil.** Política e Sociedade. Florianópolis, volume 13, n. 28, p. 35-62, set/dez, 2014b.

VIANA, Nildo. **Manifestações populares e luta de classes.** Enfretamento. Goiânia. Ano 8, Edição especial, p. 26-37, julho de 2013.

. _____. **Os Movimentos Sociais.** Curitiba, Prismas, 2016.